

ENTRE A FILOSOFIA DA COOPERAÇÃO E A REALIDADE DO MERCADO.¹

Mariane Denise Martins², Walter Frantz³.

¹ Artigo produzido na Disciplina de Associativismo, Cooperativismo e Economia Solidária

² Bacharel em Administração, pela UERGS - Universidade Estadual do Rio Grande do Sul e Egressa da UNIJUI – Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, do curso de Bacharel em Sociologia.

³ Possui graduação em Ciências Naturais (1974) e Pedagogia (1975) pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Doutorado em Ciências Educativas: Sociologia, Pedagogia e Ciências Políticas, pela WWU - Universidade de Münster, Alemanha Westfälische-Wilhelms Universität, 1980).

Introdução

A cooperação é uma ação antiga que se inscreve na história do trabalho humano, e portando na história de construção da humanidade. No desenvolvimento da história a cooperação passou também à cooperativas e cooperativismo. Hoje são múltiplas as formas que encontramos de cooperativas, ou de organizações que acabam levando este nome.

Este texto tem por objetivo apresentar algumas reflexões sobre cooperação e cooperativas. Inicialmente trará algumas referências conceituais para melhor entendimento e fará um pequeno resgate histórico sobre a cooperativa. Ao final será refletido sobre as contradições existentes entre a cooperação como filosofia e a estrutura de uma cooperativa no mercado capitalista.

Metodologia

Este trabalho foi feito, através de uma pesquisa bibliográfica qualitativa, buscando bases teóricas adequadas para sua contextualização e compreensão.

Cooperação, cooperativa e cooperativismo.

Falar de cooperação, é falar direta ou indiretamente do trabalho do homem e da mulher. Se é através do trabalho que o homem se constrói, constrói sua história ou mesmo se aliena, a cooperação como uma construção social de organização se inscreve na história do trabalho humano e portando na história do homem e da mulher como uma ferramenta importante de organização, superação e desenvolvimento.

No desenvolver da sociedade, com a transformação do mundo do trabalho e sua formalização, a cooperação também acaba tornando-se mais formal, se institucionalizando é desta forma que hoje

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

temos três categorias que muitas vezes são confundidas e que têm diferenças entre si: a cooperação, a cooperativa e o cooperativismo.

A cooperação é um conceito abrangente que reúne várias formas de organização das pessoas em que não haja a exploração de uma pela outra e em que todas visem atingir seus objetivos. O cooperativismo constitui-se em uma doutrina mais moderna da cooperação, que consiste em uma manifestação mais formal dela. As cooperativas são as formas pelas quais se materializam o cooperativismo. (Limberger Apud Silva, Oliveira, Rocha, Nesello, Canali, Baggioto, Baggioto, Rodrigues, In, Paludo e Thies org. p. 114, 2008)

Esta delimitação/diferenciação entre cooperativismo, cooperação e cooperativas, é importante porque a cooperação é uma construção social mais antiga enquanto que o cooperativismo é uma construção inscrita na história a partir da Revolução Francesa e Industrial. As transformações refletidas da Revolução Industrial, geraram muitos problemas sociais especialmente pela transformação drástica no mundo do trabalho. O cooperativismo é assim uma resposta a estes problemas sociais e muitas vezes tinha um sentido bastante utópico (Frantz 2009).

O movimento cooperativista tomou diferentes entendimentos neste contexto pós Revolução Francesa. Segundo Frantz 2009, houve uma construção de cooperativismo que buscava alternativas frente a economia Capitalista, diante das dificuldades sociais que emergiram e outra construção que buscava adaptar-se da melhor maneira possível no mercado, buscando somente alterar as relações de poder na comercialização da produção.

Ao lermos os principais fundamentos filosóficos do cooperativismo, citados por Frantz, quais sejam:

Humanismo: valorização do homem pelo que ele é e não pelo que ele tem; Solidariedade: um por todos e todos por um; Justiça social: a cada um conforme a sua participação; Liberdade; autodeterminação do ser, inclusive para a cooperação; Democracia: cada pessoa um voto e decisão pela maioria; Participação: uma exigência da vida cooperativa. Todos são donos; Responsabilidade: responder pelas decisões e acompanhar a vida da cooperativa. (Frantz 2009)

Parece-nos mesmo, mais conveniente dizer que estes são os fundamentos filosóficos da cooperação. Nos diferentes entendimentos que o cooperativismo tomou, acompanhamos muitos movimentos cooperativos e cooperativas que não trazem exatamente esta filosofia. Inclusive porque como o mesmo Frantz (2009) mostra, temos diferentes reações que levaram ao movimento cooperativo: uma só de superar a ordem vigente, pós Revolução Industrial, outra de retorno a ordem anterior, e outra de organizar a ordem vigente.

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

Assim, se nem a ordem vigente, do modelo capitalista, nem a anterior do feudalismo tinham na sua construção de base os princípios filosóficos apresentados, apesar destes se apresentarem como contradição em cada um dos modelos, fica mais evidente falar dos princípios filosóficos da cooperação que é transversal, nas diferentes formas de organização econômica da sociedade.

Tudo isso não significa dizer que não houveram movimentos cooperativos que trouxeram em seu amago sopros de humanismo, justiça social etc, mas buscamos destacar a diferença entre cooperação e cooperativismo e sobretudo as diferentes formas que o cooperativismo tomou no decorrer da história.

Além disso, é preciso ver em cada experiência de cooperação processos contraditórios, frutos da construção social de uma sociedade capitalista. É neste sentido que veremos experiência de cooperação impregnadas de expressões da cultura capitalista de mercado, bem como experiências de cooperativas como ajustes de mercado que acabam propiciando a construção de princípios de cooperação bastante fortes.

A antítese entre mercado e cooperação

A partir desta diferenciação entre cooperação e cooperativas e as diferentes formas que estas últimas podem assumir, bem como as contradições constituintes, trazemos algumas reflexões em torno das experiências de cooperativa que conhecemos.

Nos parece que existe uma contradição muito grande entre as filosofias cooperativas e o mercado capitalista. É muito comum percebermos grandes entraves vividos pelas cooperativas neste sentido. O problema é que no dia-a-dia da instituição, necessariamente, vai-se colocar a questão para serem decididas, que vão decorrer dos princípios do mercado, pela existência da cooperativa formal ou os princípios filosóficos. Ocorre que para garantir a continuidade da cooperativa muitas vezes se opta pelas questões mercadológicas, e isto, muitas vezes é uma condição de existência.

O importante, nos parece, ao analisarmos estes tipos de casos é nos despir de qualquer juízo de valor para a análise, só assim poderemos ter uma compreensão mais racional e menos idealista. A utopia é importante, mas no dia-a-dia da cooperativa, além da utopia, planejamento, decisões devem ser tomadas. Como tomá-las sem ferir os princípios filosóficos, mas também sem destruir a cooperativa que muitas vezes é a garantia estrutural de existência das famílias ou pessoas?

Cada situação de cooperativa é uma, e deve ser analisada em seu contexto. Talvez, para garantirmos um equilíbrio entre a filosofia e a realidade do mercado, seja necessários outras compreensões de administração que ainda não conseguimos conceber, pois, das experiências que conhecemos muitas, ou foram para a clássica administração que visa o lucro, nas regras do mercado, ou caíram no outro lado, com a falência.

Como seria uma administração eficiente, afinal, não se cria instituições para falir, mas verdadeiramente solidária, participativa? Talvez estes questionamentos devem ser feitos neste

Modalidade do trabalho: Ensaio teórico
Evento: XXII Seminário de Iniciação Científica

momento conjuntural e estrutural, se apostamos na cooperativa e na cooperação como alternativas na economia, em vista da construção de novos paradigmas econômicos de organização.

Ao pensar na cooperação e na cooperativa como uma forma de enfrentar esta realidade, da sociedade capitalista, de individualismo, competição e exclusão, surge uma questão que vem sendo pertinente para nós, em diferentes discussões: é necessário criar “uma forma de fazer”, um método, compatível aos nossos tempos. Um método que seja dialético, que compreenda o mundo tecnológico, pois já não dá para negá-lo, mas que compreenda o ser humano, a filosofia da cooperação na vida social. Um método de cooperação, de administração, que talvez não seja nem igual ou parecido a esta ou aquela cooperativa de nossos dias. Uma forma de fazer que inove, como jeito de fazer, mas que possa nos ajudar a resolver problemas e chegar a objetivos que chamamos de utópicos. Uma forma de fazer administração, educação popular, cooperativas que seja ligada ao nosso tempo, que responda nossas angústias, que seja justa solidária. Portanto algo não extraordinariamente novo, mas absolutamente atual.

Para mudarmos a sociedade, é necessário mudarmos a forma de fazer a sociedade, criarmos uma forma para nossos tempos, caso contrário estaremos buscando um destino diferente do atual, usando o mesmo caminho. Se continuarmos a fazer cooperativas da mesma maneira que é feita hoje, cairemos sempre nos dilemas de mercado, mas este caminho já sabemos onde vai dar.

Palavras-chaves: Cooperativismo, Cooperativa, cooperação, método.

Bibliografia:

Frantz, Walter. Reflexões sobre a história do cooperativismo. 2009.

Paludo, Thies, Conceição e Vanderlei Franck org. Desenvolvimento do Campo em Construção. Ed. Unijui; Ronda Alta: Fundep, 2008.